



VI Encontro "Pesquisa em Educação Ambiental"  
A Pesquisa em Educação Ambiental e a Pós-Graduação no Brasil

Ribeirão Preto, setembro de 2011

Código 0036-2

## ESTUDOS CULTURAIS EM EDUCAÇÃO AMBIENTAL: *USOS E CONSUMOS*

RIBEIRO, Flávia Nascimento - [fnrflu@yahoo.com.br](mailto:fnrflu@yahoo.com.br)  
TRISTÃO, Martha - [marthatristao@terra.com.br](mailto:marthatristao@terra.com.br)

**Resumo:** Trata-se de um texto inspirado em uma pesquisa que está sendo realizada com os sujeitos praticantes de duas localidades do entorno direto com o Parque Nacional do Caparaó, na biorregião do Caparaó Capixaba. Compreender de que forma os produtos culturais em Educação Ambiental são traduzidos na produção de narrativas e formação de identidades a partir dos processos sociais, político e das relações de poder é meu objeto nessa investigação. Para isso, ir às escolas e comunidades a fim de problematizar a leitura que é realizada dos produtos culturais em Educação Ambiental, entendidos como repertórios interpretativos e textuais, que chegam à escola e/ou comunidades é um dos meus objetivos. Dessa forma, a partir das narrativas e dos caminhos teóricos sobre estudos culturais, formação, os *usos* e *consumos*, as mídias e a educomunicação, estão sendo realizadas entrevistas individuais e conversas informais.

**Palavras-chave:** Estudos Culturais. Educação Ambiental. Formação.

## Notas introdutórias

Apresentamos neste texto a proposta de trazer discussões e reflexões quanto aos *usos e consumos*<sup>1</sup> que são feitos dos estudos baseados em textos<sup>2</sup>, focalizando as formas de produtos culturais em Educação Ambiental em alguns contextos escolares e, que se engendram, com os não-escolares.

Então, ao trazermos a noção dos produtos culturais em Educação Ambiental, propomos compreender de que forma eles produzem a realidade e como compõem uma narrativa. Nesse sentido, pretendemos abrir e ampliar o campo de discussão dessa temática, envolvendo esses com(textos) culturais, nas quais entendemos esses produtos, tecendo assim, relações com a formação dos sujeitos praticantes desses espaços.

Assim, puxando o fio da meada pelos caminhos da microrregião do Caparaó Capixaba e dando continuidade às nossas itinerâncias pelas estradas caparaoenses, propomos dialogar a partir das produções discursivas dos sujeitos praticantes, bem como de suas práticas socioambientais e educativas no/do cotidiano escolar.

Vale ressaltar que nesta pesquisa de doutorado, temos trabalhado no interfluxo escola e comunidade desse contexto, dando continuidade a pesquisa iniciada no mestrado porque fomos “tocadas”, no bom sentido Larrosiano, pelos *espaçostempos* de formação e mobilização na biorregião do Caparaó e, um desses movimentos é a Mostra de Vídeos Ambientais (MoVA) do Caparaó.

O interesse por esses mecanismos culturais emerge porque é notório que os materiais midiáticos e os textos culturais e, especificadamente os que envolvem a temática ambiental, promovem grande influencia na disseminação dos problemas socioambientais. Assim, percebe-se que a contemporaneidade traz para o campo da educação vários desafios e possibilidades e a relação entre os produtos culturais e a escola é um deles.

A partir disso, acreditamos ser importante refletir sobre os espaços em que os produtos culturais ocupam no campo da educação, em especial, na inserção e/ou ampliação da Educação Ambiental. Dessa forma, a relevância deste tema é justificada por meio do caráter freqüente e sistemático das mídias e de textos culturais em Educação Ambiental e que tem sido objeto de vários estudos e pesquisas.

Nessa direção, nossa intenção é a promoção da pesquisa junto aos sujeitos do cotidiano caparaoense do entorno direto do Parque Nacional do Caparaó e a área de abrangência da envolve dois distritos localizados nos municípios de Dores do Rio Preto e Divino de São Lourenço do estado do Espírito Santo.

## Dialogando com alguns autores

---

<sup>1</sup> Essas noções são tecida a partir da perspectiva de Michel de Certeau em seu livro *A invenção do cotidiano*, 1. Artes de fazer, onde o autor problematiza a capacidade dos indivíduos para a autonomia e a liberdade. Segundo Certeau (1994), sua abordagem consiste em apoderar-se dos mecanismos pelos quais os indivíduos transformam-se em sujeitos, manifestando formas de autonomia em um conjunto muito grande de práticas da vida cotidiana, de consumo, de leitura ou de forma de habitar. Assim, o uso encontra-se como uma abundância de oportunidades para pessoas comuns (sujeitos ordinários) subverterem os rituais e representações que as instituições buscam impor.

<sup>2</sup> Só para esclarecimento, é a partir da perspectiva de Stuart Hall (2009), que me refiro a textos não somente no sentido letrado, mas como todas as produções culturais que carregam e produzem sentidos/significados. Assim, para exemplificar, uma foto, um quadro, um filme, um livro, artesanato, folheto de divulgação, etc, podem ser considerados textos culturais.

Como se trata de uma pesquisa de doutorado em andamento, as idéias ainda estão sendo delineadas num movimento *autopoietico*, na qual estamos receptivas a sugestões e críticas.

Os interessados que temos estudado e dialogado é Stuart Hall, Néstor Canclini para compreender sobre Estudos Culturais; Humberto Maturana (Teorias da Biologia do Conhecer, Amar e Cultural) e Edgar Morin (como pano de fundo, o pensamento complexo e tessituras com a Educação Ambiental. Além disso, autores específicos do campo da Educação Ambiental e formação de professores irão permear toda a pesquisa.

## Objetivo

Compreender de que forma os produtos culturais em Educação Ambiental são traduzidos<sup>3</sup> na produção de narrativas e formação de identidades a partir dos processos sociais, político e das relações de poder.

Para isso pretendo ir às escolas e problematizar a leitura que é realizada dos produtos culturais em Educação Ambiental, entendidos como repertórios interpretativos e textuais, que chegam à escola e, compreender as possíveis estratégias em relação aos encontros e eventos dos educadores ambientais pelos processos instituídos em Educação Ambiental.

## Proposta metodológica

Ao seguirmos as pistas dos pressupostos da pesquisa, pela qual temos imergido no contexto Caparaóense, nos identificamos com as seguintes metodologias de pesquisa: a) Biorregionalismo e b) Sensibilidade na emoção/ação (MATURANA, 1998), com inspirações em uma espécie de *Cartografia dos usos* (CERTEAU, 1994).

A opção pelo biorregionalismo emerge porque entendo que a Região do Caparaó é uma **biorregião**, uma vez que se trata de uma área geográfica onde seus limites naturais tem sido estabelecidos pela natureza, que se distingue de outras áreas por sua flora, fauna, clima, rochas, solos, configuração do terreno, assim como pelos assentamentos (fixação de moradias) e culturas humanas que há num determinado lugar.

Em relação a *Sensibilidade na emoção/ação* enquanto campo teórico-metodológico inventamos e reinventamos uma postura de co-participes da nossa realidade, praticando-a. Dessa forma, acreditamos na pesquisa produzida por sujeitos implicados emocionalmente e, é por isso que emergiu nessa pesquisa esse método.

Ao abordar a emoção/ação, estou “bebendo na fonte” de Humberto Maturana (1998), na qual, de acordo com o autor, a emoção não vem de encontro com a razão, mas sim, ela se apresenta como algo que está na essência do ser humano e de suas ações. Assim, as emoções “[...] são disposições corporais dinâmicas que definem os

---

<sup>3</sup> Stuart Hall (2005) descreve aquelas formações de identidade que atravessam e intersectam as fronteiras naturais, comportas por pessoas que foram *dispersadas* para sempre de sua terra natal. Essas pessoas retêm fortes vínculos com seus lugares de origem e suas tradições, mas sem a ilusão de um retorno ao passado (p. 88). Tem relação com as negociações com as novas culturas, mas sem perder completamente suas identidades.

diferentes domínios de ação em que nos movemos. Quando mudamos de emoção, mudamos de domínio de ação.” (MATURANA, 1998, p.15).

## **Desenvolvimento: Estudos Culturais em Educação Ambiental**

Ao trazermos os produtos culturais em Educação Ambiental, pensamos em promover uma interlocução entre: Estudos Culturais, Educação Ambiental, mídia e formação, uma vez que, de acordo com Ramos (1995, p. 14),

[...] o domínio da informação está diretamente ligado ao poder de interferir e reorientar as relações humanas e da sociedade com a natureza. Portanto, é com grande influência dos meios de comunicação que a humanidade, hoje, toma contato com os problemas ambientais e procura rediscutir os seus modelos de desenvolvimento e sua atuação no meio ambiente.

Nesse sentido, fazendo uma análise, grosso modo, percebemos que nos últimos anos há um aumento significativo das produções textuais culturais em Educação Ambiental em diversos contextos, e na escola isso tem sido cada vez mais evidenciado e recorrente.

A exemplo disso tem a ascendência dos seguintes produtos: publicações, documentários, propagandas, jornais, revistas específicas enfocando a questão socioambiental, televisão, internet, materiais escolares, etc. Então, é notório que a presença desses textos culturais variados voltados para a Educação Ambiental apresentam-se em diferentes contextos formativos.

Assim, essa “linguagem midiática” produz de certa forma sentido nos fazeres e saberes dos professores/as e educadores/as. Em razão disso, deixamos um questionamento: como esses sujeitos praticantes caparaoenses articulam esses textos culturais em suas experiências?

A visibilidade (e talvez necessidade) para as questões socioambientais em salientar por meio dos produtos culturais, das instituições e demais maneiras de fazer e praticar o cotidiano tem progredido. Um pressuposto para isso é porque existe, atualmente, uma ampliação do pensamento ecológico em virtude dos acontecimentos da Era planetária<sup>4</sup>.

Esse processo transitório de modelo de sociedade é porque percebemos que mudanças profundas ocorreram em escala mundial nas últimas décadas do século XX, entre elas o avanço da tecnologia de informação, a globalização econômica e o fim da polarização ideológica entre capitalismo e comunismo nas relações internacionais.

Ao abordar as dimensões ambiental e ecológica, bem como a Educação Ambiental, que é transversalizada (ou pelo menos deveria ser) em nossas vidas, não podemos deixar de tecer a relevância do campo dos Estudos Culturais e da produção de textos culturais voltados para esse tema emergente e relevante da/na sociedade contemporânea.

---

<sup>4</sup> Segundo Morin (2003, p.21), *era planetária, também chamada de Tempos Modernos, começa com a descoberta de que a Terra não é senão um planeta e com a entrada em comunicação das diversas partes desse planeta*. Ou seja, enquanto sociedade nos damos conta de que o somos abarcados por processos de mundialização (desde as idéias às questões econômicas).

Assim, concordando com Tristão (2010, p. 1)

São várias as interferências dos processos globalizadores na era planetária e, de modo geral, estão diretamente relacionadas com a dimensão ambiental. A dimensão ecológica perpassa todas essas interferências, entretanto a compreensão da globalização ainda é bastante reducionista. O mais enfatizado é seu aspecto econômico, porém a concepção de sustentabilidade supera em muito esse aspecto. Diante disso, duas relações são aqui consideradas para fazer uma análise sucinta das influências desses processos globalizadores no paradigma da sustentabilidade e nas práticas socioeducativas comprometidas com o meio ambiente, as relações espaço/tempo e local/global.

Já que estamos abordando sucintamente alguns processos globalizadores e sua relação temporal/espacial e glocal (local e global ao mesmo tempo), o que podemos perceber, diante desse mundo globalizado é que, diariamente, nos deparamos com uma multiplicidade de textos culturais (imagens, mensagens, etc.) e isso faz parte desse mundo.

Ou seja, o planeta está rodeado desses textos, independentemente do grupo social, e a todo o momento é registrado acontecimentos que nos escapam (muitas vezes) da relação tempo/espaço e que, se não fosse a influência desses processos globalizadores, talvez eles não existissem, ao menos não em tal escala.

Indo ao encontro dessa perspectiva, vemos que os sujeitos praticantes do/no/com cotidiano escolar estão inseridos em *espaçostempos* de múltiplas possibilidades de interpretação de sua realidade. Eles se vêem atravessados por diversos assuntos emergentes desse convívio e a Educação Ambiental, a cultura, as mídias e demais produtos, são alguns exemplos.

Então, fazendo uso da obra de Certeau (1994), percebemos que chega à escola uma multiplicidade de informações referentes a questões atuais na/da sociedade e, especificadamente, notamos uma recorrência de abordagens voltadas para a discussão socioambiental nesse espaço, o que há 15 anos, por exemplo, não se encontra tão visivelmente assim.

Esse “olhar questionador”, conduziu-nos a uma reflexão e, também, nos impulsionou a entender sobre de que forma são inseridos os produtos culturais<sup>5</sup> voltados para a Educação Ambiental na escola, uma vez que eles são instituídos em espaços coletivos. Então como emergem esses produtos e quais são os usos e repercussão no ambiente escolar e não-escolar? De que forma eles são traduzidos na realidade?

Assim, percebe-se que no cotidiano emergem vários acontecimentos envolvendo astúcias, táticas e estratégias, onde a todo o momento os produtos culturais são produzidos e traduzidos.

### **Considerações**

Como se trata de uma pesquisa em andamento na/da biorregião do Caparaó Capixaba, ainda estou em campo produzindo dados e sendo produzida nessa minha inserção naquele cotidiano. O que tenho presenciado é que os produtos culturais em Educação Ambiental têm emergido cada vez mais na escola e fora do ambiente escolar, nos movimentos das comunidades.

---

<sup>5</sup> Os produtos culturais produzem e carregam sentidos.

Outra questão que gostaria de destacar é que tenho participado de diferentes contextos formativos com os sujeitos praticantes da região e, cada vez mais, tenho ficado encantada com a quantidade de textos culturais que essas pessoas trazem para seus saberes e fazeres. Além disso, vejo como potência na região a produção dos vídeos socioambientais produzidos pelos próprios moradores/estudantes. Ou seja, é o olhar de quem olha “lá de dentro” sobre a sua realidade.

## **Referências**

CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. Petrópolis: Vozes, 1994.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução de Tomaz Tadeu e Silva. 10. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

\_\_\_\_\_. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

MATURANA, H. **Emoções e linguagens na educação e na política**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

MORIN, Edgar; KERN, Anne-Brigitte. **Terra-Pátria**. Porto Alegre: Sulina, 2003.

RAMOS, Luís Fernando Angerami. **Meio ambiente e meios de comunicação**. São Paulo: Annablume, 1995 – (Selo universidade; 42)

TRISTÃO, Martha. A Educação Ambiental e o paradigma da sustentabilidade em tempos de globalização. In: GUERRA, A. F. S.; FIGUEIREDO, M. L. (Orgs). **Sustentabilidades em Diálogos**. Itajaí: Universidade do Vale do Itajaí, 2010, p. 157-170.